

## **IDENTIFICAÇÕES CRISTALIZADAS: O reconhecimento na política cultural vigente.**

*Alexandre Fernandes Corrêa\**

**RESUMO:** Nesse breve artigo pretende-se analisar aspectos da política do reconhecimento no espaço social do patrimônio cultural na atualidade, aproximando a perspectiva psicanalítica dos Estudos Culturais. O reconhecimento é fator fundamental no processo identificatório e constitutivo do sujeito e do laço social, sinalizando os significantes valorizados e idealizados que servem de pontos de referência para o Eu e sua identidade. A questão torna-se complexa quando o Estado, por meio de políticas públicas, mapeia o campo do que será reconhecido e patrimonializado, oferecendo identidades *a priori* e encenando identificações que se cristalizam em significantes fixos, auto-excludentes. Ao invés do reconhecimento favorecer a criatividade de uma identificação simbólica dialetizável, permitindo a criação e uma separação menos assujeitada fruto de elaborações *a posteriori*, o reconhecimento fixado na patrimonialização excessiva reafirma o véu da alienação, transformando-se em poder de assujeitamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reconhecimento. Patrimonialização. Identificação. Assujeitamento. Criatividade.

\* **Alexandre Fernandes Corrêa.** Professor Associado em Antropologia da Universidade Federal do Maranhão - Processo de Redistribuição Universidade Federal do Rio de Janeiro Campus/Macaé. Doutorado em Ciências Sociais (PUC/SP). Pós-Doc Antropologia (UFRJ-2006 e UERJ-2010). Coordenador do CRISOL: Grupo de Pesquisas em Estudos Culturais.

## Introdução

O presente texto tem como objetivo colocar em questão a atual política cultural vigente, através da análise de aspectos psicossociais intrinsecamente relacionados aos processos de patrimonialização e musealização em curso na atualidade. Essa reflexão advém de nossas práticas de pesquisa, ensino e extensão universitária, nos espaços sociais do patrimônio histórico-cultural, desenvolvidas em diferentes períodos<sup>1</sup>. Para balizar os limites desse estudo, centramos o foco no problema do reconhecimento, referido recorrentemente em políticas fundadas no sentimento de pertencimento; tema recalitrante enunciado como sustentáculo para práticas discursivas efetuadas em defesa de identidades locais supostamente ameaçadas pelo processo de mundialização cultural contemporâneo (JAMESON, 2002, 2006).

Nesse trabalho de socioanálise vamos traçar algumas linhas de contato crítico entre a Psicanálise e os Estudos Culturais<sup>2</sup>, a fim de interpretar a força hipnótica que os discursos em nome da identidade<sup>3</sup>, da memória, do patrimônio e da cultura, adquiriram; enquanto sintomas de problemas socioculturais mais profundos. E como resultado do trajeto interpretativo sugerido, o discurso do analista, - seja do psíquico, seja do sociocultural -, propomos outro caminho alternativo ao que viceja hodiernamente, qual seja, um novo laço capaz de sustentar uma ética de um “desejo advertido”, colocando os sujeitos diante de suas identificações e das responsabilidades de sua posição subjetiva, a seguir um caminho que se inicia na repetição, mas que se posiciona em direção à criação.

Em suma, consideramos que o ato de reconhecer não pode estar atrelado ao campo da gestão de mercadorias, enquanto *commodities* culturais (RIFKIN, 2000), base das políticas de patrimonialização em curso, a não ser que este *Pai* simbólico – referido no significante *patri-*

---

<sup>1</sup> Pesquisa com o título *Teatro das Memórias* realizada desde 2007, com apoio do CNPq e da FAPEMA.

<sup>2</sup> Nossa linha de trabalho se aproxima da perspectiva de Sonia Alberti, quando sublinha: “Sem dúvida, uma das mais importantes conexões da psicanálise nesses seus primeiros cem anos se deu com o campo da cultura, o campo social. Da socioanálise à “psicanálise e o marxismo”, passando por teorias que supuseram a psicanálise desvinculada da “importância do social” - sintagma que retorna com facilidade -, por privilegiar o indivíduo, vimos de tudo” (ALBERTI, 2000, p. 3).

<sup>3</sup> O conceito de “identidade cultural” é uma noção central nas políticas culturais, apontando para um sistema de representação das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo. No núcleo duro da identidade cultural – aquele que menos se desbasta através dos tempos, mesmo em situações de distanciamento do território original – aparecem a tradição oral, a religião e os comportamentos coletivos formalizados (COELHO, 1999, p. 201).

mônio – seja aquele revelado no mito grego de *Cronos*<sup>4</sup>, a devorar seus filhos para que eles não o sucedam. Concluímos que sob esse império de cristalização de identificações a subjetividade torna-se apenas uma vitrine narcísica sem profundidade; reflexo turvo de um jogo de imagens estúpidas, reproduzidas indefinidamente como mortificantes insígnias para o consumismo fetichista.

### **Laço social, identificação e assujeitamento**

Para a Psicanálise o sujeito é fundado na alteridade, neste duplo diálogo de mensagens carregadas de significantes que representam o sujeito para outros significantes eleitos na formação dos ideais que sustentam não só o sujeito, mas o laço social. Sigmund Freud - e, posteriormente, Jacques Lacan - sustentou, durante toda sua obra, a existência de duas demandas primordiais que o sujeito endereçava ao Outro e, por conseguinte, ao laço social: amor e reconhecimento.

O laço social é estruturado pelo discurso, uma estrutura “que ultrapassa em muito a palavra” e por isso “um discurso sem palavras” (LACAN, [1969] 1992, p. 11) que no campo da linguagem concebe posições específicas concernentes ao sujeito e sua relação com o Outro.

A teoria dos discursos em Lacan é analisada estruturalmente em seu *Seminário 17: O avesso da Psicanálise* (1969-70). Nele, os quatro discursos são esquematizados e trabalhados a partir das posições que os elementos específicos assumem no lugar do agente - aquele que domina e comanda o discurso -, do Outro - lugar ao qual se destina o agente -, a verdade - que sustenta o lugar de comando - e, por fim, a produção - aquilo que resta dessa articulação.

São quatro posições ocupadas por quatro elementos estruturais que em um quarto de giro, em quatro momentos distintos, produzem quatro discursos ou formas do laço social, são eles: o discurso do mestre, o discurso da histérica, o discurso do analista e o discurso

---

4 Na mitologia grega, Cronos era o deus da agricultura e também simbolizava o tempo. Filho de Urano (céu) e Gaia (terra) era o mais jovem da primeira geração de titãs. Cronos tirou seu pai do poder, casou-se com a irmã Réia e governou durante a Idade Dourada da mitologia. Seu poder perdurou até ser derrubado pelos filhos Zeus, Poseidon e Hades. Cronos temia uma profecia segundo a qual seria tirado do poder por um de seus filhos. De temperamento violento e negativo, Cronos passou a matar e devorar todos os filhos gerados com Réia. Porém, a mãe conseguiu salvar um deles, Zeus, escondendo-o numa caverna da ilha de Creta. Para enganar Cronos, Réia deu a ele uma pedra embrulhada num pano que ele comeu sem perceber. Ao crescer, Zeus libertou os titãs e com a ajuda deles fez Cronos vomitar os irmãos (Hades, Hera, Héstita, Poseidon e Deméter). Zeus, com a ajuda dos irmãos e dos titãs, expulsou Cronos do Olimpo e governou como o rei dos deuses gregos. Como tinha derrotado o pai Cronos, que simbolizava o tempo, Zeus tornou-se imortal, poder estendido também aos irmãos.

universitário, respectivamente. *S1* é o significante mestre que figura em seu lugar primordial no discurso do mestre, *S2* é a bateria de significantes da qual se desprende *Um* a vir representar o sujeito para os outros significantes.

Dessa equação uma perda se produz na queda do objeto *a* pelo duplo corte<sup>5</sup> significante que, ao apagar o primeiro engendra o segundo e, assim, produz, simultaneamente, o sujeito e esse objeto opaco extraído do campo do Outro, o objeto *a*. Ora se está no discurso do mestre, ora no discurso universitário e assim por diante, dependendo do laço social que se estabelece com o Outro a partir da posição que o sujeito assume no discurso.

A constituição do sujeito se alicerça em dois fenômenos que produzem um processo de assujeitamento no qual, a partir das releituras de Lacan ([1964] 1979), se pode destacar dois véus nesta relação; o véu da alienação – no qual há uma total identificação ao desejo do Outro e assim o desejo do sujeito é o desejo do Outro – e o véu da separação: operação lógica responsável por uma identificação simbólica que produz uma dialética entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro, abrindo espaço para a criação.

Nosso trabalho aqui, de modo um tanto breve, é refletir sobre o tema das escolhas de um sujeito a partir das determinações significantes do Outro – remetida a referida “política de patrimonialização” –, considerando a alienação como a primeira e mais originária operação que socorre o ser humano, servindo-lhe de matriz primordial. Logo em seguida, destacamos a separação como um momento lógico em que o sujeito vem produzir algo de particular através dos significantes advindos desse mesmo Outro; sob os impactos das tais políticas de promoção cultural, em nome do pai (patri-mônio).

Tem-se em mente que a relação entre sujeito e objeto se faz pelas operações de alienação e separação, e que, juntas, podem constituir a punção, a possibilitar ao sujeito, dividido entre os significantes, uma junção e uma disjunção ao objeto, ao conferir certa dialética entre eles; sustentada em traços gerais no caso aqui em análise. Tais movimentos de alternância, como se sabe, permitem ao sujeito se oferecer como objeto ao desejo do Outro e se posicionar como objeto de gozo, de modo que ele se torna parceiro de jogo do Outro. Portanto, o reconhecimento torna-se peça chave nesse processo identificatório e constitutivo

---

<sup>5</sup> Lacan utiliza a faixa de Moebius para demonstrar que “o sujeito começa com o corte” (Lacan, [1967] 2008, p. 17) e acrescenta que um corte não é suficiente para surgir o sujeito, o primeiro corte “deixa cair primeiro esse objeto *estrangeiro* que é o objeto *a*”, cai do Outro pelo efeito da produção de um significante que representa, então, esse buraco no Outro. No seminário de 19 de abril de 1967 complementa: “O fato do significante, significando o que ele repete, eis o que engendra o sujeito e, dele, algo *tomba*” (LACAN, [1967] 2008, p. 311). Utiliza os *Círculos de Euler* para compreender a relação lógica do sujeito com o Outro. O primeiro surge da relação do sujeito com o *objeto a* e o segundo recorta-o, completando assim os dois cortes.

## IDENTIFICAÇÕES CRISTALIZADAS: O reconhecimento na política cultural vigente.

do sujeito e do laço social, pois sinaliza os significantes valorizados e idealizados que servem de pontos de referência para o Eu e suas identificações imaginárias<sup>6</sup>. É neste ponto que, nos parece, se torna exercício de uma violência simbólica, configurando sintoma de nossa época, a adequação de sujeitos e grupos a traços e insígnias eleitos *a priori* por instituições oficiais em políticas dirigidas. Dessa forma as *identidades* tornam-se núcleos cristalizados de identificações fixas; alienando os sujeitos e os amarrando a constelações que inviabilizam a criação e a eleição *a posteriori* dos traços e destinos de suas identidades e ideais. Ao “reconhecer” *a priori* determinadas insígnias como identitárias, e outras não, as políticas oficiais instituídas negam a alteridade que as constitui.

O eu é constituído na relação com o outro sendo que essa alteridade habita, permanentemente, o cerne do eu. Com o narcisismo, se compreende que tanto o corpo próprio quanto o sujeito se constituem a partir do outro. A identificação será o conceito que torna afetiva a afirmação de que na origem do eu está o outro. O eu carrega no seu corpo e em seu psiquismo as marcas indeléveis da relação com o outro (MOREIRA, 2009, p. 240).

Freud em dois momentos de sua obra, *Inquietante estranheza* ([1919] 1996) e *Mal-estar na cultura* ([1930] 2007), introduz a questão do grande incômodo que sujeitos, instituições e grupos têm com tudo que foge à norma. O mal presente entre as exigências pulsionais e as exigências que a cultura impõe a fim de domesticá-la ao reivindicar sua renúncia é projetado nas figuras do louco, do sujeito a ser corrigido. Como sublinhou Sonia Alberti (2000, p. 2), em Lacan:

Freud, particularmente em 1930, é claro a respeito do fato de que o homem da cultura tende a viver em sociedade e que isso implica na renúncia pulsional. Ele sustentara que essa tendência é, paradoxalmente, causa do mal estar. Para debruçar-se sobre essa questão da relação do sujeito com as outras pessoas, a psicanálise freudiana aprofundou-se no estudo das identificações (Freud, 1911 e 1921), o que Lacan tomou como base para conceitualizar a noção de discurso: o sujeito fala, o que o faz ocupar uma posição, ou seja, faz surgir o fato dessa posição. O primeiro exemplo, estudado por Freud, é o da identificação a partir da idealização do Líder (cf. Esquema no final do capítulo VIII de "Psicologia das massas". Freud, 1921:108) e Lacan a ela se referencia no seu seminário sobre o discurso (LACAN, 1970-1, lição de 20 de janeiro).

E retomando a questão do “sujeito a ser corrigido” – ao recuperarmos a reflexão a partir do campo empírico analisado – por que não aludir sobre seu possível alcance

---

<sup>6</sup> Remetemo-nos então a “noção freudiana de que o eu é sempre outra coisa, o eu é o outro, o eu é dividido, ou, como o introduz Lacan, que o sujeito mantém, em relação ao Outro uma posição de alienação e de separação e onde o social faz tanto parte da realidade psíquica do sujeito quanto qualquer outra representação mais ou menos investida” (ALBERTI, 2000, p. 4).

interpretativo na gestão política e governamental executada através do processo identificatório (*resgistros do patrimônio imaterial*) em curso; ao tornar a função simbólica e dialética do reconhecimento moeda de troca para o recebimento de dividendos fiduciários? Destarte, adiantando a análise, os imperativos identitários nos quais o reconhecimento só se efetiva em políticas públicas quando há uma fixação em traços ditos mais “autênticos”. O que tem sugerido a encenação do sintoma da negação neurótica expresso no lexema “*não quero saber nada disso*” [Do Capital]; veiculando no laço social o discurso que nega qualquer efetivo laço social. Tal é a função do discurso capitalista que engendra, no cerne da relação do sujeito com o Outro, objetos fetichistas a consumir, de modo muitas vezes hipnótico. Assim, não nos parece excessivo afirmar: se consome identidades e seus produtos, como prática cultural (SÁ DA NOVA, 2007), consumindo também subjetividades<sup>7</sup>.

A questão torna-se ainda mais complexa quando o Estado (em nome da ordem simbólica patrimonial), por meio de políticas públicas, mapeia o campo do que será reconhecido (e patrimonializado) oferecendo identidades *a priori*, encenando identificações que se cristalizam em significantes fixos, auto-excludentes<sup>8</sup>. Assim, ao invés do reconhecimento favorecer a criatividade de identificações simbólicas dialetizáveis<sup>9</sup>, - permitindo a criação e uma separação não assujeitada, fruto de elaborações, com efeito, *a posteriori* -, ao contrário, o reconhecimento fixado na patrimonialização excessiva nos parece reafirmar o véu da alienação, transformando-se em poder coercitivo de assujeitamento. Tal política adquire êxito através de mecanismos de adesão e aliciamentos patrocinados por verbas públicas oferecidas em programas de governo; isso caso as ditas “comunidades” aceitem reproduzir a cartilha das identidades ofertadas *prêt-à-porter*. Esse quadro é muito parecido com o descrito por Suely Rolnik, designado de *Toxicômanos da identidade*:

Identidades *prêt-à-porter*, figuras glamurizadas imunes aos estremecimentos das forças. Mas quando estas são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que então se produzem, com seus falsos-*self* estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais intensa. Os viciados nesta droga vivem dispostos a mitificar e consumir toda imagem que se apresenta de uma forma minimamente sedutora, na esperança de assegurar seu reconhecimento em alguma órbita do mercado (ROLNIK, 1997, p. 21).

---

<sup>7</sup> Práticas de consumo cultural intensivo são difundidas mundialmente através do chamado *turismo cultural*, sempre ávido por oferecer “pacotes” atraentes.

<sup>8</sup> Decreto-Lei 3.551/2001, referente ao registro do patrimônio cultural imaterial brasileiro.

<sup>9</sup> Objetivo de uma ação cultural promotora da cidadania cultural, como consta da Constituição Federal de 1988, no Capítulo da Cultura: *Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.*

O que se percebe de maneira muito evidente é que sob os tais significantes da dita inclusão das diferenças, o que realmente se encena é um tipo de “inclusionismo asséptico” (Zizek, 2006). Pois, os discursos sobre tolerância, por exemplo, nada mais fazem, que veicular a ideia da indiferença, isto é, da ausência de afeto que denuncia a impossibilidade de um laço social, traço inerente ao discurso capitalista. Glyn Daly no prefácio ao seu livro *Arriscar o impossível* (2006) propõe uma reflexão sobre o capitalismo pós-moderno e critica o “politicamente correto” e o “inclusionismo”:

Há mais um perigo potencial. Ele concerne de modo especial às tendências ortodoxas do multiculturalismo politicamente correto e à sua distorção de um certo tipo de política de aliança que procura criar cadeias de equivalência entre um conjunto cada vez mais amplo de lutas diferenciais em torno do gênero, da cultura, dos estilos de vida etc... Em outras palavras, há um perigo de que a política de equivalência seja tão distorcida que se transforme num modo de disfarçar a situação dos que estão verdadeiramente na abjeção... Com isso, os abjetos podem ser duplamente vitimados: primeiro, por uma ordem capitalista global que os exclui ativamente, e, segundo, por um ‘inclusionismo’ asséptico e politicamente correto que os torna invisíveis dentro de sua floresta pós-moderna, de sua tirania das diferenças (DALY, 2006, p. 12).

Como exemplo, temos a atual plethora de cursos, oficinas, *workshops* etc., nos quais se ensinam as técnicas “corretas e adequadas” para a feitura do artesanato estabelecendo metas a cumprir, em que se centram os trabalhos na produção de um produto, escolhido *a priori* e direcionam seu sucesso no “reconhecimento” que o mercado vai lhe dar a partir da aceitação de seus produtos como mercadoria a ser consumida. O discurso de sua eficácia e socialização está presente nas falas nas quais o sucesso do produto é atingido, promovendo um inclusionismo, politicamente correto, por ser asséptico e conforme a demanda do mercado de acordo com o capitalismo contemporâneo.

Suely Rolnik num texto provocativo sugere que diante das transformações da subjetividade na alta modernidade, duas respostas possíveis são produzidas pelos sujeitos pós-modernos. Segundo seus próprios termos: “Dois processos acontecem nas subjetividades hoje que correspondem a destinos opostos desta insistência na referência identitária em meio ao terremoto que transforma irreversivelmente a paisagem subjetiva: o enrijecimento de identidades locais e a ameaça de pulverização total de toda e qualquer identidade” (1997, p. 22). Não obstante o fato de nosso interesse recair especialmente em um dos polos analisados pela autora – já que o outro polo referido se refere a “síndromes” psicológicas, escapando ao escopo desse artigo – é pertinente sorver suas avaliações do processo. Assim temos:

Num polo, as ondas de reivindicação identitária das chamadas minorias sexuais, étnicas, religiosas, nacionais, raciais, etc. Ser viciado em identidade nestas condições é considerado politicamente correto, pois se trataria de uma rebelião contra a globalização da identidade. Movimentos coletivos deste tipo são sem dúvida necessários para combater injustiças de que são vítimas tais grupos; mas no plano da subjetividade trata-se aqui de um falso problema. O que se coloca para as subjetividades hoje não é a defesa de identidades locais contra identidades globais, nem tampouco da identidade em geral contra a pulverização; é a própria referência identitária que deve ser combatida, não em nome da pulverização (o fascínio niilista pelo caos), mas para dar lugar aos processos de singularização, de criação existencial, movidos pelo vento dos acontecimentos. Recolocado o problema nestes termos, reivindicar identidade pode ter o sentido conservador de resistência a embarcar em tais processos (ROLNIK, 1997, p. 22-3).

Sob tal olhar, se torna sobressalente que os órgãos públicos e privados parecem querer “ensinar”, muitas vezes através de cartilhas e manuais, aos chamados “grupos étnicos” a encontrarem recompensas através da política do reconhecimento. Como exemplo, mais que eloquente, temos os modelos padronizados (*kits*) de saber-fazer aplicados aos próprios produtores; pelos quais se moldam artefatos, artesanatos e manifestações, alegando-se que ao torná-los “mais estéticos”, adquirirão valor venal mais vantajoso<sup>10</sup>. Miriam Rosa, no artigo *Ética e Política*, foi categórica ao analisar que “os discursos a que estão expostos os sujeitos do capitalismo avançado indicam o modo de laço constituído por uma cultura que os empurra violentamente ao gozo, sob a forma de consumo, de lucro ou de sofrimento” (ROSA, 2006, p. 36).

Ao contrário, como lembra a escritora Clarice Lispector, em seu livro *A Paixão Segundo GH* (1983): “criar é poder tocar a realidade”. Para criar é necessária uma plasticidade psíquica que não pode cristalizar-se aprioristicamente. A criatividade depende da posição subjetiva diante do Outro e no campo das identificações imaginárias. Inventar, reinventar e criar depende de uma travessia que ultrapassa a “constelação de insígnias” que formam as identidades e as identificações. Ir mais além destas insígnias que é “um objeto reduzido à sua realidade mais estúpida” (LACAN, 1972).

### **Patrimonização do simbólico: O Discurso do Capitalista em Cena**

<sup>10</sup> É o caso das políticas direcionadas ao folclorismo turistificado. Caso as “comunidades”, ou “grupos folclóricos” – algumas vezes formados de uma noite para outra – adiram ao programa de Editais públicos, devem seguir as normas e as condições de enquadramento pré-indicadas; garantindo “pertencimento” na ordem classificatória, e em cada categoria específica. O caso do Bumba-meu-Boi torna-se exemplar, caso o grupo não possua determinados semióforos codificados como certificados de pertencimento – presença das personagens *Catirina* e *Pai Francisco*, vaqueiros, índios e índias etc. – não poderão receber as verbas indicadas respectivamente à cada categoria.

## IDENTIFICAÇÕES CRISTALIZADAS: O reconhecimento na política cultural vigente.

Patrimonializar é conjugar uma ação do *Pai*, é o reconhecimento de uma filiação que tem poder de fazer viver e de fazer morrer. Em *Nome-do-Pai* se declara um testamento como herança simbólica que situa o sujeito no campo ético e político, e principalmente, situa o sujeito em suas origens e nas memórias do seu grupo. Reconhecer é uma produção dialética de um diálogo que firma um pacto, um contrato de consequências nefastas quando em *Nome-do-Pai* o reconhecimento é prática cultural e política de rentabilidade e consumo; transformando, paradoxalmente, em ruína o que “reconhece”.

Em *Crise da Cultura* Hannah Arendt (1997) analisa a experiência cultural nas chamadas sociedades e culturas de massa<sup>11</sup> como efeito de um capitalismo que forma, cada vez mais, consumidores ávidos por diversão e entretenimento sob forma passiva. A metáfora do “metabolismo do homem com a natureza”, que Arendt vai buscar em K. Marx remete a um hiato, decorrente do tempo que o homem destinou ao trabalho e ao sono, o tempo do lazer e da diversão; destarte, na sociedade que engendra a cultura de massas, engendra-se “um metabolismo que se alimenta de coisas devorando-as” (p. 258). O que leva a filósofa concluir: “a atitude do consumo, condena à ruína tudo o que toca” (p. 264). O consumo, inclusive, dos bens culturais, como forma de “auto-educação” ou “auto-aperfeiçoamento” – e podemos incluir nessa lista, a Educação Patrimonial – é apontado pela autora como uma espécie de *filisteísmo*:

O que irritava no filisteu educado não era que ele lesse os clássicos, mas que ele o fizesse movido pelo desejo dissimulado de auto-aprimoramento, continuando completamente alheio ao fato de que Shakespeare ou Platão pudessem ter a dizer-lhes coisas mais importantes do que a maneira de se educar (ARENDDT, 1997, p. 255).

O que H. Arendt parece denunciar – num diagnóstico por muito tempo considerado deveras “pessimista”, incomodando as mentes frágeis – é a crise de um sistema que postula, na produção oriunda do trabalho, sua única fonte de reconhecimento. Apoiada em Cícero, recupera o conceito de cultura, propondo a *cultura animi*, o cultivo do espírito – considerado vulgarmente como “elitista” – também denominado de *otium cum dignitate*. Na moral capitalista, é essa dimensão que foi esvaziada de sentido, nesse lugar surgiu o que Arendt chama de filisteísmo, ou seja, a ideologia de que a cultura deve servir para algo na esfera do

---

<sup>11</sup> A autora ressalta que o termo cultura de massa é uma contradição em si, por reduzir o conceito de cultura ao produto de consumo dos chamados bens simbólicos.

trabalho. Foi o trabalho que ganhou posição de destaque e, inclusive, o ócio deve produzir algo para o sucesso econômico<sup>12</sup>.

A análise que H. Arendt tece, - tanto neste texto citado quanto em seu livro *A Condição Humana* -, demonstra que o capitalismo inviabiliza o desejo e multiplica as demandas, obrigando cada um de nós a se relacionar com séries de *gadgets*<sup>13</sup>. Como se sabe, *gadget*<sup>14</sup> é um equipamento que tem um propósito e uma função específica; prática e útil no cotidiano. São comumente chamados de *gadgets* dispositivos eletrônicos portáteis como celulares, *smartphones*, leitores de mp3, entre outros objetos tecnológicos. São conhecidos também como *gizmos*, possuindo um forte apelo de inovação em tecnologia, tendo um *design* mais avançado ou construído de um modo mais eficiente, inteligente e incomum, em suma, sempre “diferente” ou “diferencial”.

Todavia, o termo *gadget* ganhou contornos específicos no campo da Psicanálise quando, na segunda metade do século XX, Jacques Lacan passou a fazer uso para referir-se aos objetos de consumo produzidos e ofertados como se fossem "desejos" pela lógica capitalista; na qual estão agregados o saber científico e as tecnologias em geral. Dentre estes *gadgets*, encontram-se os "sujeitos-mercadorias", aqueles que incorporam de forma um tanto psicótica uma atitude de objetos de consumo breve e que, por isso, investem suas energias em provar-se "consumíveis" ou "desejáveis" aos olhos de eventuais parceiros ou do mercado, o *grande senhor* contemporâneo. Nessa perspectiva estes sujeitos-mercadoria não são de fato sujeitos, já que consomem "objetos" e ofertam-se ao consumo por "objetos", não ao estabelecimento de laços sociais.

Logo, “não há qualquer relação entre o agente e o outro”, em suma, “não há laço social no discurso capitalista”. Para sustentar com mais propriedade e aprofundar a análise, nesse ponto do texto, nos reportamos ao matema do discurso do capitalista, seguindo a descrição concisa de Sonia Alberti (2000):

O S1 se dirige a S2, pondo o gozo a seu serviço. O outro não é mais, como no discurso do mestre, o que tem um saber, por mais que este seja da ordem da doxa, mas o outro é reduzido a seu lugar de gozo que, no interior do discurso do capitalista

---

<sup>12</sup> Tal aspecto pode ser constatado também nos programas de “inclusão” dos usuários do sistema de “saúde mental” em trabalhos de oficina artística; visando encontrar utilidade mercadológica até mesmo na “loucura produtiva”. Esses paralelos e simultaneidades entre o que ocorre no sistema da saúde e no recém-implantado sistema da cultura, merecem análises ainda mais penetrantes.

<sup>13</sup> “Isso funciona tão bem, tão rápido, que isso se consuma” diz Lacan, em Milão, corroborando Marx quando este prevê seu fim, não sem que com isso se consuma boa parte da população (Alberti, 2000, p. 8-9).

<sup>14</sup> Em inglês: geringonça, dispositivo.

## IDENTIFICAÇÕES CRISTALIZADAS: O reconhecimento na política cultural vigente.

(seguir as flechas), volta ao S1, aumentando o seu capital. O endereçamento do S1 ao S2 produz os *gadgets* supostos satisfazerem o saber reduzido ao gozo, *gadgets* identificados com o mais-de-gozar. Mas em vez de ser impossível ao sujeito – como no discurso do mestre – aceder a esse gozo, isso passa a ser possível, de forma que a castração fica foracluída e o sujeito fixado nesse lugar que o S1 determina. É como se pudéssemos dizer: o discurso do capitalista não exige a renúncia pulsional, ao contrário, ele instiga a pulsão, impondo ao sujeito determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta sobretudo e em primeira mão, a pulsão de morte (p. 8).

Chegamos então a conclusões muito próximas daquelas em que se trata mais especificamente do deslizamento no discurso do mestre (corruptela); o efeito de produção do discurso capitalista. Ambos, H. Arendt e J. Lacan, apontam para a marca exitosa da produção em massa de *gadgets* a serem consumidos, tornando débil a busca pelo belo e pelo sublime<sup>15</sup>.

O que distingue o discurso do capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de que? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês veem isso, hein, não é pouca coisa (LACAN; 06 de janeiro de 1972).

A rejeição da castração, no discurso do capitalista, fora de todos os campos do simbólico inviabiliza o amor e o reconhecimento, como sublinhado mais acima. Se por amor podemos entender a mediação simbólica feita ao imaginário para barrar o real, podemos concluir que, no capitalismo supermoderno, o “consumo como prática cultural” (SÁ DA NOVA, 2007) certifica o declínio simbólico das trocas sociais. Mais ainda, inviabiliza o desejo e multiplica as demandas, num consumo sem tréguas que impossibilita o laço social. Em palavras curtas e diretas, perde-se o tempo de contemplação, sublimação, elaboração, desinteresse, construção simbólica responsável pelas artes, pela costura das significações relacionadas aos sentimentos de pertencimento, filiação e reconhecimento, o que poderíamos chamar de as coisas do amor; que é, enfim, anulado, recusado.

Como já adiantamos anteriormente, o discurso do analista – seja do psíquico ou do sociocultural – propõe outro caminho; aquele do laço capaz de sustentar uma ética de um “desejo advertido” que coloca os sujeitos diante de suas identificações e das responsabilidades de sua posição subjetiva, seguindo um caminho que se inicia na repetição, mas que se posiciona em direção à criação e à invenção; evitando assim, tanto o enrijecimento obsedante

---

<sup>15</sup> Dimensão que denuncia uma valência da potência criativa inerente ao projeto original de formação da cultura barroca na América Latina, e especialmente no Brasil, conforme analisamos anteriormente no texto *O labirinto dos significantes na cultura barroca* (CORRÊA, 2009).

das identidades locais, quanto a ameaça de pulverização total de toda e qualquer identificação imaginária. Desejo *advertido*, sobretudo contra os ideais e as idealizações, e se prevenindo do *furor curandis* contra o qual Freud em suas recomendações (1912) adiantava precaução. Um desejo de que a singularidade venha a vigorar na diferença e não no assujeitamento passivo.

Em suma, o ato de reconhecer não pode estar no campo da gestão de mercadorias, oferecidas como *commodities* culturais (RIFKIN, 2000), base das políticas culturais em curso; a não ser que este Pai (per/verso) – referido no significante *patri*-mônio – seja aquele revelado no mito grego de *Cronos*, devorando seus filhos para que os mesmos não o sucedam; impossibilitados de criar o novo. A cristalização de identidades em fósseis culturais faz da subjetividade apenas uma vitrine narcísica sem profundidade: um jogo de imagens *estúpidas*, reproduzindo indefinidamente mortificantes insígnias.

## Referências

ALBERTI, Sonia. *O discurso do capitalista e o malestar na cultura*, trabalho para os Estados Gerais da Psicanálise. Paris, julho de 2000.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

\_\_\_\_\_. A crise da cultura. In *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997. p. 249-281.

COELHO, José Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. O labirinto dos significantes na cultura barroca. *Psicanálise & Barroco em revista*. v.7, n. 2: 12-34, dez. 2009.

DALY, Glyn. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. São Paulo: Martins, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Los anormales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2000

FREUD, S. (1929/1930). El malestar en la cultura. *Obras Completas*. Vol. XXI. 1. ed. 9. Reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

\_\_\_\_\_. (1919). O Estranho. In FREUD, S. Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

**Alexandre Fernandes Corrêa.**

LACAN, Jacques. (1959-60). *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1964) *Seminário Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. (1966). *Apresentação das Memórias de um doente dos nervos*. Outros escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1966-67). *Seminário 14: A lógica da fantasia*. Inédito. Publicação não comercial. Recife, Centro de Estudos Freudianos, 2008.

\_\_\_\_\_. (1969-70). *Seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. (1972). *Du discours psychanalytique*. Conférence à l'université de Milan. Recuperado em 21 de abril de 2009: <http://pagespersoorange.fr/espace.freud/topos/psycha/psysem/italie.htm>

\_\_\_\_\_. (1972). *O seminário, livro 20: mais, ainda* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. (1974). *Televisão*. (A. Quinet, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993

\_\_\_\_\_. (1973). *Le Séminaire. Livre 20: Encore*. Paris: Ed. Du Seuil. 1975.

\_\_\_\_\_. (1975). *Le Séminaire. Livre 22: R.S.I.* Inédito. (CD ROM).

\_\_\_\_\_. (1975/1976). *O seminário. Livro 23: O sintoma*. (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1991/2007.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

**IDENTIFICAÇÕES CRISTALIZADAS: O reconhecimento na política cultural vigente.**

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. *Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade*. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, UERJ, 2009, p. 233-247.

ROLNILK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização, In *Cultura e subjetividade*. Saberes Nômades, org. Daniel Lins. Papirus, Campinas 1997; pp.19-24.

RIFKIN, Jeremy. *The Age of Access: The New Culture of Hypercapitalism Where All of Life Is a Paid-For Experience*. New York: Tarcher/Putnam, 2000.

ROSA, Miriam Debieux; CARIGNATO, Taeco Toma e BERTA, Sandra Letícia. *Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneos*. *Ágora* (Rio J.) [online]. 2006, vol.9, n.1, pp. 35-48.

SÁ DA NOVA, Luiz Henrique. *Da cultura como mercadoria, ao consumo como prática cultural*. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras vol. 1 (1), 2007.

## **CRYSTALLIZED IDENTIFICATIONS: THE AKNOWLEDGEMENT IN THE CULTURAL POLICY.**

### **ABSTRACT:**

In this brief article is intended to analyze aspects of the politics of acknowledgement in the social space of cultural heritage today, approaching the psychoanalytic perspective of Cultural Studies. The acknowledgement is a key factor in the identification process and constitution of the subject and the social bond, indicating the significant valued and idealized that serve as reference points for the Self and identity. The issue becomes complex when the state, through public policies, maps the field to be recognized, offering identity and enacting a priori identifications that crystallize in significant fixed, self-excluding. Instead of recognizing foster creativity a symbolic identification, allowing the creation and separation less subjection result of subsequent elaborations, acknowledgement set in patrimonialization excessive reaffirms the veil of alienation, becoming power of subjection.

**KEYWORDS:** Acknowledgement. Patrimonializatio. Identification. Subjection. Creativity.

## **IDENTIFICATIONS CRISTALLISES: LA RECONNAISSANCE DANS LA POLITIQUE CULTURELLE.**

### **RÉSUMÉ:**

Dans ce bref article vise à analyser les aspects de la politique de reconnaissance dans l'espace social du patrimoine culturel d'aujourd'hui, se rapprochant du point de vue psychanalytique des Études Culturelles. La reconnaissance est un facteur clé dans le processus d'identification et constitution du sujet et du lien social, ce qui indique la valeur significative et idéalisé qui servent de points de référence pour l'auto et de l'identité. La question devient complexe lorsque l'État, à travers des politiques publiques, des cartes sur le terrain pour être reconnus et inscrit, offrant identité et édictant des identifications *a priori* qui se cristallisent dans significatif fixe, auto-exclusion. Au lieu de reconnaître favorisent la créativité d'une identification symbolique dialectique, permettant la création et la séparation moins assujeitada résultat d'élaborations ultérieures, jeu de reconnaissance dans la patrimonialisation excessive réaffirme le voile de l'aliénation, de plus de puissance de sujétion.

**MOTS-CLÉS:** Reconnaissance. Patrimonialisation. Identification. Sujétion. Créativité.

**IDENTIFICAÇÕES CRISTALIZADAS: O reconhecimento na política cultural vigente.**

Recebido em : 19-09-2013

Aprovado em: 10-12-2013

© 2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)